

MEMÓRIAS DE MENINA

MARIA LÚCIA DAL FARRA
(Universidade Federal de Sergipe)

1. A árvore

O caminho da minha casa para a da Nona não me levava à rua: era feito pelo interior. De manhã muito cedo, bastava atravessar o meu quintal e passar pelo dela, e lá estava eu, introduzida na cozinha, a tempo de assistir à cerimônia matinal dos primeiros estalidos da lenha no fogão. Ainda cativo da imobilidade noturna, o silêncio e a frialdade o rodeavam então, qual uma aura, e lhe davam, se eu pudesse reparar, o aspecto secreto de uma urna culinária de difícil despertar. Travava-se uma verdadeira batalha entre treva e luz até que se pudesse descerrar, ao menos por fulgurantes momentos, aquilo que o sono de uma noite engendrara nela.

Primeiro jeitoso, insinuante, caricioso, o trato das mãos da minha Nona no arranjo dos diferentes estados da madeira trabalhava por fazer desses fibrosos retalhos, esguios e compridos, nodosos e atarracados, uma outra árvore, posta agora na horizontal, pois que rendida ante a evidência da sua ternura, da sua sabedoria. Gravetos chamuscados pelo dia anterior entravam, também, em convivência com a lenha que o Baba salvara às pressas do chuvisco da tarde e que, impregnada de umidade, recenderia, talvez, à sua própria seiva antiga. Cruzariam esse feixe ali plantado, amarrando-o por todos os lados, apertando-o no odor, a lembrança da fritura do jantar e do tempero do feijão – quem sabe de que dias passados! – incrustada ainda na lenha usada, cuja negrura irregular estava pronta a se dissolver, como um talco de pó indistinto, ao leve toque dos dedos alvos da Nona.

Isto acertado com toda a delicadeza e ali sustentado através de um equilíbrio de pesos e proporções insuspeitado e que só uma perícia milenar no trato com o fogo pode explicar, começava a tarefa de rasgar em fiapos amplos papéis e jornais

já rejeitados pelos leitores da casa, para enrolar, ao comprido, cada tira larga. Na feitura destas “cobrinhas”, que é como eu as chamava, pairava entre nós como que a promessa de uma distensão, de uma calma instantânea, logo desmentida pelos movimentos assíduos das mãos da Nona, aplicadas no comprimir do papel, no moldar a sua forma, num serpenteá-lo. Mas talvez que, no gesto da torsão final de retesamento do jornal, viesse a oportunidade da ansiada descontração: era necessário providenciar, ao longo desse encordoamento, onde também se retorcia e se espremia algum mal-estar noturno – uma folga, uma estreita fenda prolongada de cima a baixo, por onde o fogo, uma vez ateado, seguisse livre. E só então, a gente podia falar.

Tenteávamos a nossa primeira conversa, se bem que devido à voz amanhecida ou ao receio de que um som mais atrevido pudesse estremecer a frágil estrutura ali criada - a gente apenas sussurrasse. É verdade que a importância do assunto devia ser calculada com vistas a evitar qualquer desmoronamento daquela susceptível harmonia. Tudo isso para mim era pura intuição, mesmo porque não era a Nona quem, nestes instantes, puxava assunto. Do fundo da minha ingenuidade, eu pensava que precisávamos nos ocupar com alguma coisa enquanto a apreensão do momento seguinte nos vigiava. Daí que eu dissesse, por exemplo: “A charrete do Faxinal chegou atrasada hoje pra pegar mamãe”; “Jango latiu à noite, a senhora ouviu? O que será que era, Nona?”; “Papai ficou desenhando até de madrugada”. Ao que a Nona respondia, sempre no seu canto italianado à boca *chiusa*, produzido lá do lugar da sua diligência pra com a presente empresa, com um “Hum”, “Hum”, “Hum” melodioso, num meneio de cabeça tão vagaroso quanto complacente, em que eu podia adivinhar a onisciência dela acerca de todos aqueles mistérios miúdos.

Sem perceber, eu delineava ali, na preparação do fogo, os temas de que nos ocuparíamos até a noite, desenrolando-os em linhas que bifurcariam aqui e acolá, conforme eu a seguisse pelos labirintos domésticos da arrumação diária, e que se espraiariam, indecisos, ramificados aos casuais ingredientes com que o cotidiano se encarregaria de nos fazer topar. Mas agora, eu esboçava, antecipadamente, olhos fixos sobre o traçado dos galhos irregulares da madeira no fogão, o roteiro das futuras combinações que estava ainda longe de presumir.

2. O penteado

Depois de encaminhado o almoço e regulado o fogo das panelas de modo a não inquietar o andamento da sua toaleta um tanto morosa, Nona ia cuidar de si. Entrava no amplo lavabo, e saía dali banhada, trocada, perfumada com a alfazema que lhe oferecia um odor particularíssimo que, creio, exalava mais da roupa

guardada e desdobrada ao contato da sua pele renovada pelo frescor da água que, propriamente, do frasco que nunca logrei surpreender. Durante esse intervalo, na cozinha tudo se aquietava e se recobria de um novo ritmo, arfando numa respiração quase imperceptível. Os pequenos objetos na pia, as restantes panelas dependuradas, os frascos de tempero no beiral, as carnes defumadas nos varais, as louças no armário – tudo tomava o ar de extrema discrição, como se se subtraíssem da realidade vigente e perdessem seu sentido na ausência daquela que lhes atribuía os respectivos papéis. E o fogão de lenha, em cujas bocas repousavam as pesadas panelas de ferro, entrava, a partir de então, numa espécie de regime de abrandamento, imprimindo um cálido parêntesis à cadência da casa que, assim, se preparava para uma atividade em que a Nona, raptada do venturoso cativo do lar, não seria mais a sua agenciadora – muito embora continuasse a figurar em primeiríssimo plano!

Era durante esse interregno de aguardo que o Coca deslocava, da sala para a copa, a poltrona em que ela se recostava depois das refeições, situando-a, nesse momento, no lugar mais arejado do amplo cômodo, onde a luz era deveras abundante, visto que ele dela dependia para a função que iria começar a desempenhar então. Era como se procurasse localizar, para fazer ali incidirem, os holofotes do dia, de modo a iluminar a sua tarefa de filho dedicado. Mais que isso: Coca buscava graduar para a Nona a luz peculiar, o foco apropriado para as suas prerrogativas de prima-dona do lar, de que ela se investiria a seguir, e de forma absoluta, pelas mãos do seu çacula.

A poltrona era postada, pois, diante da janela da copa, recebendo por inteiro a graça do sol que, lá de fora, a essa hora da manhã, oferecia foros de sarça ardente ao pé de manacá que só conheci florido durante toda a minha vida, abençoando-o com escolhidos tons que, na Nona, uma vez instalada nessa claridade, refletiriam alegremente. Esse tão harmônico e gracioso arbusto, companheiro de um raríssimo pé de camélias vermelhas, ficava fincado no extenso canteiro da pequena entrada lateral da casa, que nos introduzia tanto à porta da copa quanto à escada que a gente subia para a horta.

Emoldurando as portadas desse quintal suspenso, encimavam as parreiras da uva roxinha e miúda que manchava a boca da gente, devolvendo-nos, através dessa tonalidade um tanto sofrida, uma memória que não podíamos ter, todavia benfazeja e adivinhada, porque autóctone e familiar. Nona Angelina, minha bisavó, trouxera da Itália, para não se sentir estrangeira em país alheio, as pequenas mudas da sua terra, gotinhas do sangue da nossa origem.

Instalada após o banho, sob tal luz, com todo o viço da sua pele aclarado pela tepidez solar, Nona aguardava que o Coca retirasse, um a um, os longos grampos abertos, que ainda mantinham quase intacto o seu penteado do dia anterior. Era

sobre a capa da máquina de costura fechada, súbita penteadeira desses encantados momentos, cujo espelho era apenas o ar puro lá de fora, que ele distribuía os grampos, logo logo amparados pelos dois pequenos pentes que faziam a vez de presilhas do cabelo dela, cada qual fincado em cada lado da sua cabeça. Emolduravam eles para mim, reconheço hoje, o semblante do tempo, pois que era agora que o rosto da Nona encontrava ensejo para se transfigurar da imagem que costumava manter.

Com o penteado antigo, despencavam também os tufos de um cabelo que, embora branco, transparente de tão claro, lhe dava um aspecto que a remoçava mil vezes, e a tornava tão jovem, que eu me perguntava se a conhecia, se era ela mesma quem ali estava, pois que, naqueles momentos, minha Nona remontava aos tempos em que meu pai, de certeza, sequer havia nascido.

De cabelo solto, liso, beirando a altura da cintura, Nona imprimia à sua face expressões a cada vez mais vivas e inaugurais, verrumando os olhos no espelho da claridade diurna, mirando-se na luz do tempo, de modo que cada rito do seu pentear-se revelava para mim um rosto de mulher que, nela, me explicava, embora de maneira ainda nevoenta e pressaga, alguma coisa acerca do meu passado ou do meu futuro. Esses flagrantes de inteira feminilidade diziam respeito a que época da sua vida? De qual desses rostos tinha nascido o meu pai? Na idade dela, descerraria também eu, na soltura do meu cabelo, as muitas que já teria sido?

Assim, por preciosos instantes, o período que durava o desemaranhar dos cabelos dela, o compor com o pente os fios desalinhados, laborando-os, desde o cimo da cabeça até a longínqua ponta onde terminavam – eu podia me arrebatrar com todas as questões a respeito da sua ocultada beleza, que os cabelos, tal qual uma cortina, abriam ao meu olhar e ao meu devaneio. Para tornar ainda mais respeitosa essa ocasião de tamanha intimidade, o Coca mal falava com ela e, quando não, apenas sussurrava, meneando a cabeça. Aplicava-se em estender sobre a capa da máquina de costura os fios que o pente colhia dessa seara de linho branco, para, com eles, tecer um cordão onde amarrar a ponta da trança que as suas mãos iam entrelaçando já agora.

Feito isso, Coca começava a compor com todo o volume do cabelo uma espécie de espiral, de tunel do tempo onde as minhas fantasias engendradas há pouco iam se perdendo por dentro das voltas do birote que ele passava a enrolar, pouco a pouco, fixando-o na nuca da Nona. Restava de toda essa operação manual, lenta e viajeira para mim, um ninho de painas onde eu embirocava os sonhos que, no dia seguinte, seriam destocados e renovados apenas quando fosse composto o novo penteado da Nona. Mas de todos, nenhum deles estava apto a capturar a realidade de agora: esta em que continuo a tentar penteá-la, mas apenas com as minhas palavras.

3. O purgatório

Para penetrar nos territórios da Nona e nos mais sagrados domínios da minha infância, eu tinha apenas de abrir o portão lateral do corredor externo da minha casa. Me adentrava, então, no chamado quintal-de-baixo, cuja primeira fortificação era um galpão entulhado de coisas velhas ou imprestáveis da casa e da família. Lá ficavam também guardadas as tinas repletas de água, de madeira acinturada por uma tira de zinco, onde o Baba acondicionava os cágados, agenciadores de importante papel na saúde doméstica.

Regularmente, de uma, eram passados para outra tina, e a água de que tinham sido inquilinos antes, e que lhes servira de elemento e moradia, era com muito cuidado transportada, de balde em balde, para a banheira interna onde a Nona devia mergulhar as pernas endurecidas do reumatismo. Tudo era assombreado nessa espécie de grande depósito, a começar pelo mistério de como o egoísmo daqueles animaizinhos molusquentos, vagarosos e tão fechados em si, podia ser solidário a ponto de seus detritos imperceptíveis, dissolvidos naquele líquido, minorarem a dificuldade de locomoção da minha Nona. Assim, o meu caminho matinal, logo após a saída do papai e da mamãe para a escola, era aberto por entre essas brumas de uma noite sempre desconhecida que, ainda retidas naquele lugar, iam se esgarçando e se clareando à medida em que eu atravessava o pátio para me jogar nos braços amolfadados da minha amada Nona.

Mas o grande perigo atocaiado ali eram os escorpiões, habitantes desde há muito dessa escuridão. Talvez nem fossem tantos e nem tão daninhos quanto nos faziam crer os adultos, quem sabe temerosos de que descobríssemos, nos guardados, algo secreto que assim devia se conservar para o andamento da paz familiar. O certo é que nem em sonhos eu podia visitar descalça essas paragens: escorpiões, cacos de garrafas, frasquinhos quebrados de medicamentos, ampolas de vidro ou algum fantasma inesperado – sempre nos aguardavam ameaçando nossa ousadia.

No pátio que devia cruzar para alcançar a escada que dava acesso à cozinha da Nona (e as distâncias são deveras alongadas quando se é assim pequena), havia, já ao ar livre e à aventura do sol, dois ou três bancos pesados de mármore branco. Era lá que, depois de aceso o fogão de lenha, e após os cuidados do Coca no trato dos longos cabelos da Nona, a que eu assistia, fios a fios, com calada reverência – eu ia brincar, falar com o meu anjo-da-guarda e saltar, sempre receosa do pito que levaria se alguém me pegasse pulando do banco para o chão, do banco para o chão, como era meu hábito, na provável iminência de quebrar um braço ou arrebentar a cabeça.

Foi isso mesmo que se passou com a minha irmã mais nova que, tendo desmaiado depois da topada no chão, foi tida como “sonolenta” pela incauta pajem,

que a botou na cama para que continuasse a dormir – imagine! – o sono interrompido quando a retirara do berço, há pouco, logo de manhã... Pobre da minha irmã, que quase morreu! Não fosse a perspicácia da Nona, que, estranhando o silêncio lá de fora e a minha versão da “sesta matinal” da irmã, se pôs a correr, o quanto podia, coitadinha, aos gritos, para o quarto onde a pequena, roxinha e desfalecida na cama, ia mesmo se finando! Depois, para não desassossegar a mamãe, que passava o dia todo na escola e que muito se afligia apenas por pressentir as tragédias que a aguardavam de volta ao lar, pediu-lhe enigmaticamente que despedisse aquela moça “molto inhorante”. Mas minha mãe, que não viu na ignorância de uma empregada motivo suficiente para a substituir, ainda deixou a talzinha cuidando de nós. De outra feita, ela esteve prestes a esfolar a minha outra irmã...

Mas, se em vez de me encaminhar para a escada da cozinha, eu seguisse mais adiante, me desviando – na direção de um acanhado átrio que o Baba usava para rachar lenha ou para fazer sabão num grande tacho de cobre sobre um tripé –, eu ia dar no galinheiro dos fundos, outro dos terrenos proibidos. Havia ali um inesquecível e exuberante galo muito cheio de si (sempre supus que era dele que papai falava numa embolada), com uma espora pontuda e muito ciente do seu poderio sobre as galinhas e sobre nós, indefesas e mortais crianças – que sempre impedia a nossa passagem. Valente, com sua crista vermelha de sangue, ele punha ordem no terreiro, separando, para a gente, como na cantiga, homem com homem, mulher com mulher, faca sem ponta, galinha sem pé.

Era sempre a este refrão que, sem justificativa aparente, nos remetíamos quando, por alguma razão, a gente referia o dito pai de terreiro; e por causa dele e da proximidade do galinheiro com a despensa, suponho que tivesse elaborado em definitivo uma associação um tanto perversa, que persiste até hoje em mim: a de que, por ali, se alcançava o purgatório.

Foram muitos os sonhos que o meu inconsciente engendrou naquela época a propósito desse temível território. E, sobretudo depois, na adolescência, quando o purgatório adquiriu uma cor de entardecer, um matiz de sol, entre abóbora e sombras, como o de um certo tipo de milho, o tom que eu fantasiava para a despensa da Nona, lugar que, para mim, estava sempre prestes a pegar um fogo já próximo ao do inferno.

Mas não era pelo galinheiro que as pessoas normais se adentravam na despensa; havia entre um e outro uma ampla e alta janela divisória, aberta nas pedras que edificavam a espessa parede externa dos fundos da casa, janela de encomenda para eu pular, facilitada pelo apoio dos pés nos vãos das pedras, por fora, e pela localização da grande caixa de madeira no interior do apertado cômodo. Como essa tulha, reservatório onde se guardava o milho, o arroz, o feijão e o fubá para a

polenta, ficasse debaixo da janela, a gente deslizava por ela até que os pés tocassem o chão. Todavia, do interior da moradia, nós só chegávamos ali por um pequeno corredor que saía da sala de jantar em busca das traseiras da casa, subindo a escadinha que dava acesso à despensa, degraus que, para mim, já eram o prenúncio ascendente do horror do purgatório. E só agora compreendo por quê.

De uma vez, seguindo de costume a Nona como a sua sombra tagarela, fui parar com ela na despensa, onde normalmente se abastecia, logo de manhã, para algumas de suas tarefas diárias. A tulha era, para as minhas dimensões, já se vê, enorme e profundíssima, de modo que eu saltava para as suas bordas para me sentar sobre sua quina, mal a Nona abria a pesada tampa – a fim de ficar apreciando cada movimento a ocorrer ali dentro, nessa caixa compartimentada que, embora sendo pra mim familiar, acarretava sempre imprevistos.

O torvelhinho ocasionado pelo mergulho da medida de metal sobre quaisquer das provisões ali depositadas, separadas pelas divisórias de madeira, me provocara para sempre uma sensação que só mais tarde vim a identificar: a do medonho sugamento próprio da areia movediça. E isso porque, assim que a Nona retirava do mergulho aos cereais ou afundava a grande concha luzidia onde os capturava, um grande vórtice se produzia entre os grãos, ou dentro o fubá, como se eles ganhassem vida própria, movimentando-se sozinhos, assombrosos, em moto-contínuo, a ponto de eu associar essa espiral movente à visão fulminantemente minguada e girante que me sobrou do mundo, duma vez que desmaiei. Revi, muito depois, extasiada e surpresa, essa mesma voragem, na abertura dos créditos do **Vertigo** de Hitchcock, traduzido para o português como **Um corpo que cai**. Mas no meu caso, logo me dei conta, esse turbilhão não era devido ao corpo que caía, mas ao corpo que... saía, ao corpo que emergia à luz daquele tanque de milho: ao corpo que se dava a conhecer!

Confesso que, de princípio, não percebi nada e sequer houve tempo para perguntas. Porque, numa dessas golfadas em que a mão e o empenho corporal da Nona se movimentavam para retirar o seu tanto de milho, subitamente a pá concheada topa com alguma coisa dura e metálica lá embaixo. Essa desconhecida palpável parece situar-se na mais profunda zona subterrânea do caixão porque, então, o som retine distorcido – primeiro, de dentro da tulha e, em seguida, abafado pelo estofado dos muitos objetos da despensa. Ambas nos entreolhamos, pasmas, surpresas pelo inesperado introneto, assim espesso e estrepitoso, no encaço desse mistério que contaminava o inocente milho. E a Nona, com meneios desorientados da cabeça branca e com repentinos e móveis riscos imperscrutáveis na testa, saúda essa estranheza com seguidas interjeições em vêneto, o que, já pelo inusitado do tom, me causa desconfortante suspense.

Olhamo-nos atônitas e, como, parece, nenhuma de nós pode atinar com a natureza desse som, ela, muito resoluta, afunda em silêncio a mão por entre os dentes do milho, abrindo-a como um ancinho pronto a aprisionar o intruso, e o mergulha, varrendo e explorando a fundura, de um para outro lado do compartimento. Com afinco, vai cavando desse modo a resistência coletiva dos grãos, o que a obriga a vergar pela metade o corpo para dentro da caixa que, assim pendido, a imanta toda para um perigo difuso e indiscernível, para uma espécie de tesouro às avessas. E eis que, por fim, seus dedos esbarram no incógnito objeto.

Foi no instante em que ela se esforçava por retirá-lo do poder oculto da caixa que o tivera ali provavelmente por décadas e que ainda teimava em o agrilhoar, que presenciei, de fato e em todo o seu vigor, esse sorvedouro, a voragem, o precipício de que não me esqueço e que me estremece ainda agora.

Estarrecida diante da evidência daquele objeto de ferro escuro, com esforço devolvido à luz e ao convívio do dia, daquele ser em tudo agressivo, repleto de espinhos pontudos, espécie de cinta farpada, de coroa de Cristo extraída de um limbo – minha Nona o toma, corajosa, de frente, e o abre com as duas mãos, chacoalhando-o para que se livre do pó dos cereais que ainda o impregna e, sobretudo, das marcas do seu ocultamento: e o encara abertamente à procura de um nome. Mas é tamanha a sua ansiedade, tanta a urgência em decifrá-lo, que o empenho que depende nisso parece lhe custar uma vida. É como se incursionasse, nesses brevíssimos momentos, por uma existência arcaica, quase esquecida, cheia de percalços e de dolo, confinada num ermo difícil, de escarpado acesso, e essa viagem lhe aquebrantasse as forças. Seu rosto claríssimo torna-se agora lívido, raiado por estriazinhas vermelhas que me dão a impressão da turbilhonada senda por onde a sua recordação se afunda, desconfortável e aos solavancos, num trajeto de feição ao mesmo tempo direta e indecisa como a de um raio, como a de um relâmpago friccionando o céu em noite escura. Minha Nona parece proceder, assim, a uma faxina da memória, espanando lembranças entulhadas umas sobre as outras, num sacrifício mortal de se certificar se aquele registro estava mesmo ali depositado – ali, naquele acervo secreto e interdito do seu cofre de reminiscências.

E, de repente, dum chofre, ela tem o ar de quem finalmente o localiza em meio a rápidos torvelinhos de pesar! Porque assim que uma luz lhe vem nascendo muito viva de dentro dos olhos, um pranto inexplicável, derramado e copioso, brota junto. Meus Deus, cadê minha Nona? Eu é que choro assim, aos borbotões, desesperada – e não ela! Cadê minha mestra, minha mentora, minha sábia, a almofada e o travesseiro onde eu podia me agarrar em horas de pânico, como agora? No seu percurso fulminante através do tempo, ela parece ter topado até com sua meninice; mas volta de lá regredida, com a minha idade, gemendo como se fosse eu!

Só sei que sua dor me é insuportável e que me agarro a ela e que me ponho a chorar pelo seu pranto, temendo ter perdido para sempre o meu esteio. E assim ficamos as duas, ambas crianças estarrecidas diante do inominável, diante da enorme tulha aberta e escura, que nos devolvera das suas profundezas um objeto impossível e extemporâneo. Um monstro marinho de impensável idade, nela encerrado mercê apenas da fartura familiar que jamais permitira baixar o nível das suas provisões; graças também à prodigalidade dos cereais que, durante anos, o recobriram, cúmplices e apaniguados, apenas para poupar, à minha Nona, o pesar dessa aflitiva revelação.

Minhas duas tias mais velhas haviam tentado, durante muito tempo, obter do meu Nono a autorização para ingressarem numa ordem de clausura absoluta. Embora profundamente religiosos, os pais negaram sempre consentimento, até que ambas, na pressa do noivado com o Senhor, fugiram de casa para a Ele se dedicarem perpetuamente.

Minha Nona descobria, agora, ali na minha frente, do fundo do seu baú de penas e de magoadas lembranças que, para obterem tal graça e a coragem para fazê-lo, elas viveram os dias todos se mortificando. O instrumento recém-emergido do fundo desse poço o comprovava agora: era o cilício com que essas pobres penitentes se maceravam. Era o necessário purgatório que haviam se imposto para que pudessem alcançar o céu.